

Álvaro de Campos

## Lentidão dos vapores pelo mar...

Lentidão dos vapores pelo mar...  
Tanto que ver, tanto que abarcar.  
No eterno presente da pupila  
Ilhas ao longe, costas a despontar  
Na imensidão oceânica e tranquila.

Mais depressa... Sigamos... Hoje é o real...  
O momento embriaga... A alma esquece  
Que existe no mover-se... Cais, carnal...  
Para os botes no cais quem é que desce?  
Que importa? Vamos! Tudo é tão real!

Quantas vidas que ignoro que me ignoram!  
Passo por casas, fumo em chaminés  
Interiores que adivinho! Choram  
Em mim desejos lívidos resvês  
Do tédio de ser isto aqui, e ali  
Outro não-eu... Sigamos... Outras terras!

Quantas paisagens vivi!  
Planícies! mares! serras  
Ao longe! Pareceis com tanta curva,  
Pinheirais! Igualdade das culturas!  
Dias monótonos de chuva...  
Noites de lua nova — canto de ruelas escuras

Antros... Dias de sol — de agasalho  
De que o olhar abrasa e amodorrado  
Mal tem espaço para desejar...  
Campos cheios de vultos em trabalho  
À sombra de um carvalho ali isolado

— Ah e eu passo! — um mendigo a descansar.

O longe! O além! O outro! A rota! Ir!  
Ir absolutamente! ir entregadamente  
Ir sem mais consciência de sentir  
Que tem um suicida na corrente  
Que passa a dor da morte na água a rir.

Sonho-desolação!  
Ó meu desejo e tédio das viagens,  
Cansado anseio do meu coração —  
    Cidades, brumas, margens  
    De rios desejadas para olhar...  
    Costa triste, ermo mar  
    Barulhando segredos,  
Negrume cortiçado dos rochedos  
D'onde pulsa chiando a espuma na água —  
    — Frio pela consciência dos meus nervos —  
    De não estar eu a ver-vos, ódio-mágoa!  
Ó Tédio! só pensar estar a ver-vos...

Gozo gloriosamente estéril e oco  
De encher de memórias de cidades,  
De campos fugitivos, feitos pouco  
Na fuga do comboio — sociedades  
Só pensadas de velha bancarrota

Surpresas no olhar sobre colinas,  
Rios sob pontes, águas instantâneas  
Grandes cidades através neblinas  
Fábricas — fumo e fragor — sonhos insónias...

Mares súbitos, através carruagens  
Vistos por meu olhar sempre cansado  
Tudo isto cansa, só de imaginado  
Tenho em minha alma o tédio das viagens

Que quero eu ser? Eu que desejo querer?  
Feche eu os olhos, e o comboio seja  
Apenas um estremeamento a [encher?]  
Meu corpo inerte, meu cérebro que nada deseja  
E já não quer saber o que é viver...

Minuto exterior pulsando em mim  
Minuciosamente, entreondulando  
Numa oscilada indecisão sem fim  
Meu corpo inerte... Sigo, recostando  
Minha cabeça no vidro que me treme  
De encontro à consciência o meu ser todo;  
Para quê viajar? O tédio vai ao leme  
De cada meu angustiado modo.

Por entre árvores — fumo...  
Ó domésticos (...) escondidos!  
Ó tédio... Ó dor... O vago é o meu rumo.  
Viajo só pelos meus sentidos  
Dói-me a monotonia dessa viagem...  
Peso-me... Entreolho sem me levantar  
Estações (...) ... [Campolides?]... Reagem  
Inutilmente em mim desejos de gozar...

s. d.

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 73.